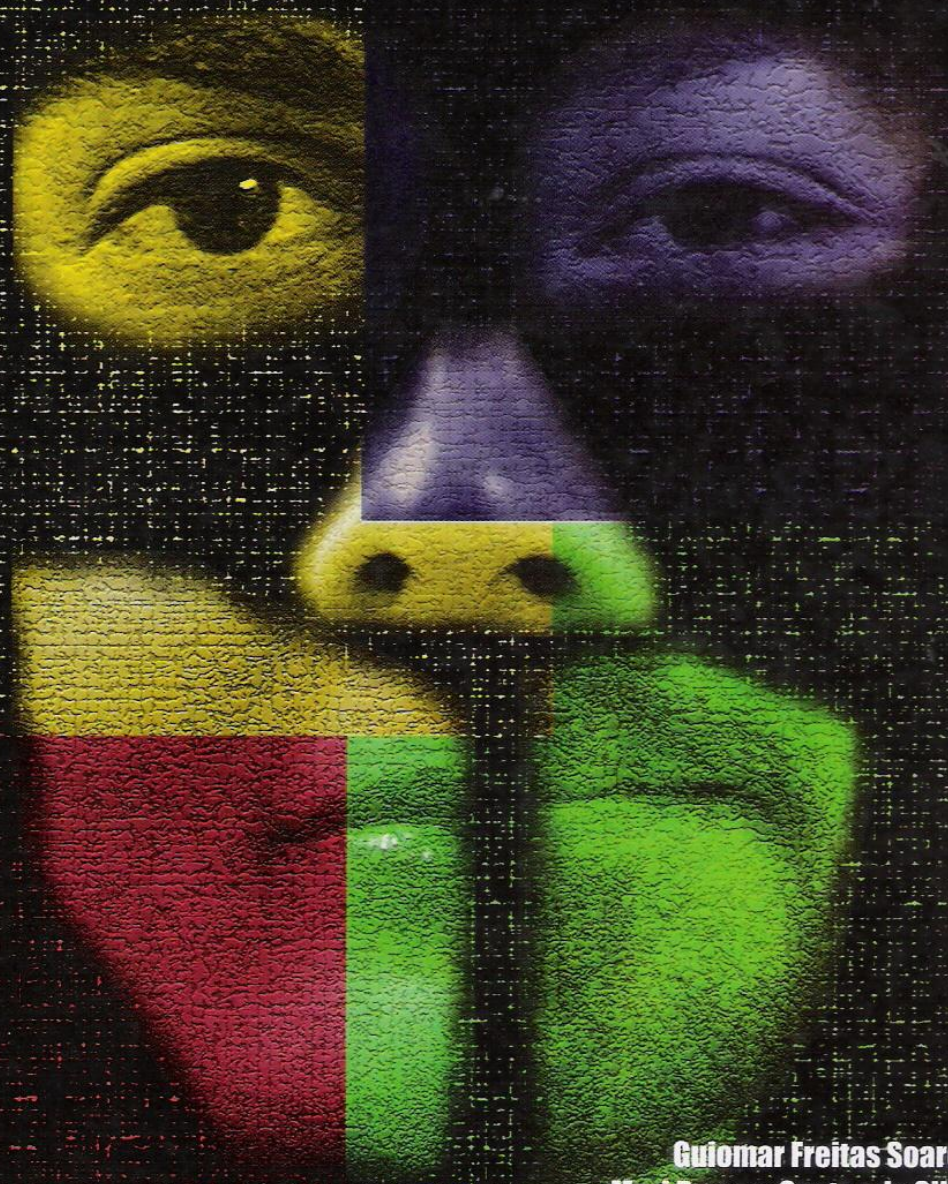


# **Problematizando Práticas Educativas e Culturais**

**Corpo**

**Gênero**

**Sexualidade**



**Guiomar Freitas Soares  
Meri Rosane Santos da Silva  
Paula Regina Costa Ribeiro  
ORG**

**CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE:  
PROBLEMATIZANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS  
E CULTURAIS**



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO GRANDE

Reitor

JOÃO CARLOS BRAHM COUSIN

Vice-Reitor

ERNESTO LUIZ CASARES PINTO

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários e Estudantis

DARLENE TORRADA PEREIRA

Pró-Reitor Administrativo

JOSÉ VANDERLEI SILVA BORBA

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

JOSÉ CARLOS RESMINI FIGURELLI

Pró-Reitor de Graduação

CLEUZA MARIA SOBRAL DIAS

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

LUIZ EDUARDO MAIA NERY

# **CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: PROBLEMATIZANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS**

## **Autores**

Fernando Seffner  
Guiomar Freitas Soares  
Marcia Ondina Vieira Ferreira  
Marcio Caetano  
Méiri Rosane Santos da Silva  
Nádia Geisa Silveira de Souza  
Paula Regina Costa Ribeiro  
Silvana Vilodre Goellner  
Silvino Santin

## **Organizadoras**

Guiomar Freitas Soares  
Méiri Rosane Santos da Silva  
Paula Regina Costa Ribeiro

Rio Grande  
2006

2006

Capa: Tássia Dias Furtado  
Editoração: Cilene Porto Severo  
Josiane Vian Domingues

C 822 Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais/ Fernando Seffner...[et al], Guiomar Freitas Soares, Méri Rosane Santos da Silva, Paula Regina Costa Ribeiro (Org.).-[Rio Grande: Ed. da FURG], 2006.  
118 p.

ISBN 85-7566-055-1

1. Educação; sexualidade 2. Sexualidade: gênero Seffner, Fernando II. Soares, Guiomar Freitas III. Silva, Méri Rosane Santos da IV. Ribeiro, Paula Regina Costa

CDU 37.015.6

Catlogação na Fonte: Cláudio Renato Moraes  
CRB-10/1059

# **CRUZAMENTOS ENTRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ÓTICA DA CONSTRUÇÃO DA(S) IDENTIDADE(S) E DA(S) DIFERENÇA(S)**

Fernando Seffner

## **SITUANDO A PRODUÇÃO DESTE TEXTO**

Este texto foi pensado para servir como suporte à apresentação feita por mim no *II Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais*, mais especificamente na mesa de abertura. A leitura do programa do seminário e o diálogo com as organizadoras forneceram alguns elementos que foram levados em conta no momento de elaboração do texto. O primeiro deles foi minha percepção da abertura do seminário para diferentes áreas profissionais e de conhecimento, o que se pode verificar pelos títulos dos trabalhos apresentados e pela formação dos autores, oriundos da Pedagogia, da Educação Física, da Biologia, das Ciências Sociais, da Enfermagem, etc. Outro elemento que busquei valorizar foi a abertura do seminário para trabalhos acadêmicos e também aqueles produzidos na interface com os movimentos sociais, mais particularmente a militância homossexual e ambiental. O texto foi construído a partir de partes e questões da minha tese de doutorado, que versou sobre a masculinidade bissexual, e envolveu estudos de identidade, representação, gênero, sexualidade e masculinidade. O foco principal do texto são as relações entre gênero e sexualidade, posicionando-se a identidade e a diferença como temas transversais. Com certeza não se faz aqui um esgotamento na discussão das possíveis relações entre gênero e sexualidade, dada à magnitude do tema. Selecionei autores e questões, em meio à ampla diversidade de abordagens existente.

Uma opção assumida, em sintonia com o título do seminário, é aquela de tomar as identidades como identidades culturais, em outros termos, culturalmente construídas. Isso implica dizer também que são identidades historicamente situadas, fruto de conjunturas específicas e, segundo Stuart Hall (2000), pensadas como posições de sujeito, fruto de interpelações. As narrativas presentes na cultura constroem “posições-de-sujeito” (Woodward, 2000), e estas posições podem ser investidas de positividade ou de negatividade, podem ser posições centrais ou

marginais, que carregam atributos desejados ou atributos marginalizados, exemplos a serem seguidos ou a serem evitados. É possível entender, conforme Stuart Hall (2000, p. 112), que “as identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”. Um mesmo indivíduo pode experimentar situações de identidade marginalizada ou central, estigmatizada ou aceita como normal. No caso das trajetórias de homens, a cultura investe na construção da heterossexualidade como a identidade de referência e, a partir dela, julgam-se as demais. Normalmente, o que se verifica é o trabalho de investigação que busca medir o grau de proximidade ou afastamento que cada uma dessas outras identidades tem com relação à masculinidade heterossexual, no que poderíamos chamar de paradigma da heteronormatividade masculina. A validação do grau de aceitação de uma identidade masculina parece estar diretamente relacionada à proximidade com o modelo heterossexual, e é medida ou avaliada a partir de critérios como casamento, filhos, carreira e outros (CONNELL, 1997, 2003).

Tomar a identidade como posição de sujeito implica articular esta possibilidade de posição com variáveis como gênero, classe social e econômica, raça, religião, faixa etária, moradia urbana ou rural, grau de escolaridade, estado civil, profissão, sexualidade, etc. Desta forma, o que temos é uma constante modificação de fronteiras, de valorizações e de possibilidades de exercício de uma dada identidade, o que caracteriza a dinâmica identitária como apego temporário a uma posição de sujeito, de acordo com Hall (2000), e em sintonia com Bessa (1998), que afirma: [...] a proliferação das dissonâncias, das incoerências, intensifica a percepção de que não há substância na identidade, há posições de sujeito, há fluidez [...] (BESSA, 1998, p.44) A discussão da identidade se faz sempre com referência à marcação da diferença: “De acordo com a teorização pós-estruturalista [...] a identidade cultural só pode ser compreendida em sua conexão com a produção da diferença, concebida como um processo social discursivo” (SILVA, 2000a, p. 69).

Esleu-se na feitura deste texto como principais dimensões da identidade cultural aquelas do gênero e da sexualidade, e isto porque percebemos que na sociedade ocidental estas duas dimensões são as mais importantes para a definição da identidade cultural de um indivíduo. Segundo Foucault (1985, 1990), todos precisamos de um verdadeiro sexo, de um sexo definido, esta é uma informação importante sobre nós. Esta foi e tem sido a regra nas sociedades ocidentais, desde alguns séculos. Neste terreno a ambigüidade, a incerteza, a indefinição, podem trazer muitas complicações para a pessoa. Saber da raça, da etnia, do pertencimento religioso, da nacionalidade, da naturalidade, da classe social de alguém é seguramente importante no sentido de perceber sua identidade, mas é o

conhecimento que possamos ter das dimensões de gênero e sexualidade do indivíduo aquele mais valorizado, aquele que efetivamente funciona quando se procura “definir quem” é o indivíduo. Mais ainda, saber do gênero e da sexualidade do indivíduo pode nos fazer rever todo o conhecimento que temos das outras dimensões de sua identidade.

No caso dos homens, qualquer informação acerca de possíveis envolvimento sexuais com outros homens vai claramente funcionar como marcador de desconfiança, posicionando-o numa masculinidade subordinada, subalterna. Em outras palavras, o conhecimento que possamos ter da identidade de gênero e da identidade sexual de um indivíduo em geral opera deslocamentos importantes naqueles conhecimentos que temos acerca da identidade de raça, da identidade nacional, da identidade religiosa, etc. Na sociedade ocidental, gênero e sexualidade se ligam de maneira chave com o conceito de identidade, e por vezes é a partir da identidade sexual que todas as demais construções identitárias do sujeito se ordenam, em outras palavras, esta dimensão da sua vida torna-se totalizadora de sua identidade, e quando dele se fala, é para lembrar, em primeiro lugar, sua identidade sexual. Este é claramente o caso dos homens homossexuais, que têm sua identidade marcada pela sexualidade.

Situado o leitor quanto às grandes opções teóricas que foram feitas para abordagem do tema, passemos agora a examinar com mais detalhe os cruzamentos entre gênero e sexualidade, tendo como temas transversais identidade e diferença.

## **CRUZAMENTOS ENTRE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Retomando a argumentação principal acima exposta, podemos pensar que em outras culturas, ou em outros momentos históricos da cultura ocidental, talvez que dimensões como a da religião tenham tido importância decisiva na configuração da identidade dos sujeitos. Em nossa cultura, e nesse momento histórico, esse papel é ocupado pelas dimensões do gênero e da sexualidade, muitas vezes referidas à abordagem do corpo, a fabricação do corpo desejado. Aqui, nos valem novamente de Foucault, quando diz que a sexualidade não deve ser concebida:

[...] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder." (Foucault, 1985, p. 100)



Nossa sociedade, de certa forma, “marca” a identidade pela sexualidade. Na medida em que a identidade é aqui tomada como identidade cultural, conforme acima explicitado, esta “marcação” da identidade pela sexualidade não deve ser vista como necessariamente da ordem da patologia, seja médica ou psíquica, embora reconheçamos a vigência deste viés biologizante. Trabalhar com uma identidade marcada pela sexualidade implica discutir representações culturais a ela associadas que tenham a sexualidade como elemento importante, bem como analisar e compreender processos culturais, simbólicos e sociais aí envolvidos. Em particular, significa tratar de questões de poder envolvidas nas relações entre identidades marcadas pela sexualidade e outras identidades. O mesmo ocorre nas identidades marcadas pelo gênero. As questões de gênero estão vinculadas àqueles comportamentos, atitudes e modos de ser que definimos como sendo masculinos ou femininos. Tal como define Joan Scott, em seu já clássico artigo:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (SCOTT, 1995, p. 86)

A autora ancora esta definição de gênero no terreno da teoria social, mais especificamente dentro da teoria da história, e vinculada ao pós-estruturalismo. Após esta definição, Scott enfoca as relações entre gênero e poder, gênero e política, e dá vários exemplos históricos envolvendo o tema. Toda a discussão de gênero e política vai permitir novamente que a autora questione as teorias de produção da história, inclusive indagando-se se o sujeito da ciência é sexuado. Por fim, sugere que no futuro o gênero deva ser “redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também a classe e a raça” (p. 93). A segunda parte da definição acima, que trata das questões de poder, constitui aspecto relevante para pensar cruzamentos entre sexo e gênero, em particular quando se examinam trajetórias de masculinidade, discutindo-se ali as relações de poder que estas mantêm com a masculinidade hegemônica e com a heteronormatividade (BRITZMAN, 1996, p. 79). De forma abreviada, convém ressaltar que gênero diz respeito à produção da diferenciação social entre homens e mulheres, e também entre homens. Esta diferenciação é social, cultural e histórica.

No terreno das ciências sociais, é Foucault que mostra como o poder organiza o disciplinamento ao redor da sexualidade. Não apenas quando cala, mas quando

discursiva. Foucault quebrou com a idéia de que havia uma sexualidade natural, tentando se expressar, sufocada pela opressão da sociedade, e mostrou que a situação é muito mais complexa: a sociedade literalmente produz a sexualidade. No sentido de dar um panorama geral dos conceitos de sexo e gênero, recorro a uma citação de Jeffrey Weeks:

Na discussão que se segue estaremos muito preocupados com o uso e o sentido dos termos. [...] “Sexo” será usado [...] como um termo descritivo para as diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que vemos como diferenciando homens e mulheres. Embora essas distinções anatômicas sejam geralmente dadas no nascimento, os significados a elas associados são altamente históricos e sociais. Para descrever a diferenciação *social* entre homens e mulheres, usarei o termo “gênero”. Usarei o termo “sexualidade” como uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com o que Michel Foucault denominou “o corpo e seus prazeres”. (WEEKS, 1999: 43)

A sexualidade diz respeito ao modo como os indivíduos organizam e valorizam as questões relacionadas à satisfação do desejo e do prazer sexuais. A identidade de gênero refere-se à identificação do indivíduo com aqueles atributos que culturalmente definem o masculino e o feminino, num dado contexto social e histórico, revelando-se na expressão de modos de ser, de gestos, de jeitos de vestir, de atitudes, de hábitos corporais, de posturas para andar, sentar, movimentar-se, de tonalidade de voz, de seleção de objetos e adornos, etc. Estas escolhas serão nomeadas como representações vinculadas ao mundo masculino ou ao mundo feminino, permitindo que o indivíduo se perceba em algum desses dois grandes universos, e dizendo que “é feminino” ou “é masculino”, coincidindo isto ou não com sua identidade sexual. São, portanto, dois processos a serem vividos e administrados pelo sujeito. A partir do texto de Deborah Britzman (1996), é possível problematizar a respeito dos mecanismos de construção da identidade sexual. A autora faz uma afirmação boa para pensar, quando diz que não se trata apenas de se indagar sobre o que é o outro (o homossexual, o bissexual, a lésbica), mas que ao tratar dessas diferenças, cada um coloca em dúvida um conjunto de “certezas” sobre o qual estrutura sua identidade sexual. Nesse momento, em geral estão em jogo questões ligadas a gênero e sexualidade, que convém diferenciar:

Ainda que gênero e sexualidade se constituam em dimensões extremamente articuladas, parece necessário distingui-las aqui. Estudiosas e estudiosos feministas têm empregado o conceito de gênero para se referir ao caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo; assim sendo, as identidades de gênero remetem-nos às várias formas de viver a masculinidade ou a feminilidade. Por outro

lado, o conceito de sexualidade é utilizado, nesse contexto, para se referir às formas como os sujeitos vivem seus prazeres e desejos sexuais; nesse sentido, as identidades sexuais estariam relacionadas aos diversos arranjos e parcerias que os sujeitos inventam e põem em prática para realizar seus jogos sexuais. (LOURO, 2000, p. 63-64)

As relações de gênero e as relações sexuais constituem-se em episódios valorizados na construção da identidade cultural dos indivíduos, o que significa dizer que, nas interações que um indivíduo mantém com outros, sempre estão presentes desníveis de poder, representados por diferenças de gênero e de preferência sexual, embora reconheçamos que também operam como diferenciais de poder dimensões como raça, etnia, classe social, nacionalidade, pertencimento religioso, nível de escolaridade, faixa etária, etc. Repetimos que, em nossa sociedade, o sexual veio a constituir-se num elemento de fundamental importância quando alguém fala das verdades de si: "a identidade sexual constituiu-se na cultura ocidental uma das dimensões centrais da identidade social das pessoas". (HEILBORN, 1996, p. 137).

Em qualquer parte do mundo e em todas as populações há machos e fêmeas, e isso parece estabelecer uma "invariabilidade" entre os seres humanos. Entretanto, é a cultura que cria homens e mulheres, e as maneiras de viver o masculino e o feminino são radicalmente diferentes de lugar a lugar, de tempo a tempo. Interessa saber como funciona a relação entre sexo e gênero, que se modifica historicamente. Assumir que não há uma forma "correta" ou biologicamente determinada de fazer amor pode permitir ao estudioso da cultura perceber a amplitude e a profundidade do campo da sexualidade, e as diferentes posições que os indivíduos aí assumem. A sexualidade pode ser vista como uma atividade lúdica, inventada e reinventada todos os dias, com diferentes nomes e possibilidades. A competência para nomear como correta uma determinada modalidade de vida sexual, empurrando as variações para o campo do patológico, é um exercício de poder que está atualmente bastante concentrado nas mãos da medicina, da psiquiatria, da psicologia e dos agentes da moral.

Em geral, a diferença é nomeada a partir de um lugar tido como referencial, como norma, que está sempre presente embora, paradoxalmente, do qual quase não se fala. Quase não se falam de homens homossexuais, mas se fala abundantemente dos homens homossexuais e dos homens bissexuais, ou dos homens que fazem sexo com homens. A sociedade estabelece como normal à sexualidade reprodutiva, que decorre da aproximação dos contrários ditos "complementares", homem e mulher, e esta posição em geral não é problematizada. A sociedade se representa a si própria como efetivamente heterossexual, e reserva a esta orientação à maioria dos privilégios. Entretanto, podemos indagar: a heterossexualidade é tida como normal

porque é majoritária, ou, visto por outro ângulo, a heterossexualidade é majoritária porque é considerada normal? Segundo Foucault, a eleição da heterossexualidade como norma é uma decorrência de políticas de controle das populações e de regulação da reprodução, num processo que ocorre com intensidade a partir do século XVIII. Mas ela não é a experimentação de todos os indivíduos, e nem a de todos os indivíduos o tempo todo. Esta é de fato uma alteração importante na passagem de uma moral grega para uma moral cristã, conforme está mostrado por Foucault em *História da Sexualidade*. Quando afirmamos que o homem é um ser da cultura, estamos enfatizando, entre outras, a possibilidade e/ou capacidade que ele tem, a cada dia, de alterar sua rota, a partir de sua agência. O conceito de agência refere-se “a capacidade de agir do ser humano: ‘agência’ é aquilo que um agente tem”. (SILVA, 2000: 15). Para existir humanidade, é necessário existir diferença, e esse é um paradigma ético com o qual nos filiamos quando pensamos gênero e sexualidade no terreno da cultura.

Há um visível interesse da sociedade, manifestado em estratégias e instituições bastante concretas, no sentido de que o gênero se defina pela condição genital, ou seja, para que sexo e gênero se correspondam, e existam apenas dois sexos e dois gêneros, e uma única possibilidade de vivência da sexualidade. As múltiplas identidades construídas no campo da sexualidade (homens homossexuais, mulheres lésbicas, travestis, transgêneros, homens bissexuais, mulheres bissexuais, etc.) pode-se dizer que são identidades “complicadas”, uma vez que marcadas como “desviantes”, pois as identidades “nomeadas no contexto da cultura, experimentam as oscilações e os embates da cultura: algumas gozam de privilégios, legitimidade, autoridade; outras são representadas como desviantes, ilegítimas, alternativas. Enfim, algumas identidades são tão ‘normais’ que *não precisam dizer de si*; enquanto outras se tornam ‘marcadas’ e, geralmente, *não podem falar por si*”. (LOURO, 2000, p. 67).

Uma identidade sexual marcada é aquela que se vai diferenciando a ponto de “fugir” da norma. A norma é, paradoxalmente, aquilo que está sempre presente, mas poucas vezes enunciado claramente. Não podemos verificar com facilidade a que ponto a diferença – ou o desvio – chegou, pois tanto a norma como a diferença são frutos de uma permanente tensão de poderes, construída numa luta política que acontece basicamente na esfera da cultura e das representações. São muitas representações de masculinidade, circulando por diversos meios – desde as conversas informais até a mídia eletrônica – que constantemente promovem a negociação entre a norma e a diferença, marcando as posições a cada momento. De toda forma, a visibilidade da diferença é infinitamente superior a da norma. Mídia eletrônica, pesquisas acadêmicas, conversas de bar, legislação civil e de costumes,

religiões e muitos outros meios e lugares problematizam continuamente a diferença, para o bem ou para o mal, construindo-a, classificando-a, localizando-a. Tanto a pesquisa acadêmica quanto a mídia eletrônica não hesitam: entre fazer falar um pai de família heterossexual ou fazer falar um pai de família bissexual, as atenções se voltarão para o último: “a norma não precisa dizer de si, ela é a identidade suposta, presumida; e isso a torna, de algum modo, praticamente invisível”. (LOURO, 2000, p. 68) Mas há diversas formas de fazer falar a diferença: como diversidade, como um outro distante, ou como algo que nos permite enxergar melhor a norma.

É este último caminho que sugiro como mais proveitoso de trilhar, entendendo que pesquisar identidades sexuais e de gênero tidas em geral como “desviantes” significa também saber mais sobre a norma, sobre o suposto sujeito “normal”, em geral representado pela masculinidade heterossexual ou pela feminilidade heterossexual. Conforme já comentado em diversas passagens acima, a identidade de homens homossexuais, mulheres lésbicas, travestis, homens bissexuais e muitos outros e outras está marcada pela sexualidade, e esta marcação é construída pela diferença: “que identidades são, afinal, marcadas? Aquelas que são diferentes – é a resposta imediata. Mas diferentes em quê? Ou melhor, diferentes... de quem?” (LOURO, 2000, p. 67). Discutir e problematizar este lugar de onde se nomeiam as diferenças é fazer avançar não apenas o conhecimento científico sobre estes temas como também modos mais solidários de se viver à sexualidade. Estas são questões boas para pensar, na academia e na militância.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSA, Karla Adriana M. **Posições de sujeito, atuações de gênero...** Rio de Janeiro: Revista Estudos Feministas, IFCS/UFRJ, vol. 6, nº 1, 1998 p. 34-45.

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor, identidade homossexual, educação e currículo. In.: **Educação & Realidade**. Porto Alegre: v. 21, n. 1, 1996, p. 71-96.

CONNELL, Robert William. La organización social de la masculinidad. In.: VALDÉS, Teresa & OLAVARRÍA, José. **Masculinidad/es, poder y crisis**. Chile: Flacso, 1997, p. 31-48.

CONNELL, Robert William. **Masculinidades**. México: UNAM-PUEG, 2003.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 2** - O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In.: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, Richard & BARBOSA, Regina Maria. **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, pp. 136-145

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, Escola e Identidade**. Porto Alegre, Educação & Realidade, v.25 (2), p. 59-75, jul./dez. 2000

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In.: **Educação & Realidade**. Porto Alegre: v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99

SILVA, Tomaz Tadeu. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000

\_\_\_\_\_. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000 a.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In.: LOURO, Guacira Lopes. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, 174p. p. 35-82

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, Vozes, 2000 133p. pp. 7-72.